

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)28 mar 2017 | O Globo | SIMONE CANDIDA simone.candida@oglobo.com.br

No Porto, instituto que preserva memória da escravidão pode fechar

Região tem 18 pontos que lembram história da Pequena África

A primeira vez em que a carioca Merced Guimarães, de 60 anos, esteve na casa da Rua Pedro Ernesto 36, na Gamboa, foi em 1988, ano do centenário da abolição da escravatura no Brasil. Ao bater os olhos no imóvel, uma construção de 1866, com o pé-direito alto, ela e o marido ficaram encantados e acabaram comprando a propriedade dois anos depois. Mal podiam imaginar que, durante a reforma da residência, em 1996, descobririam que estavam vivendo sobre sepulturas de escravos. Era o Cemitério de Pretos Novos, onde, entre 1779 e 1830, eram enterrados os africanos mortos na chegada ou durante a viagem de navio até o Porto do Rio. Por causa de sua importância histórica, o lugar foi transformado no Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos (IPN).

Apesar da riqueza histórica, o instituto corre o risco de fechar as portas. Merced Guimarães contou que, no início do mês, foi comunicada pela direção da Companhia de Desenvolvimento Urbano da Região do Porto do Rio (CDURP), órgão da prefeitura, que o convênio que previa o repasse de cerca de R\$ 6 mil mensais para o custeio da casa não será renovado. A companhia informou que "vai reposicionar seus contratos" após análise dos orçamentos de 2017 e 2018.

Segundo o arqueólogo Reinaldo Tavares, que desde 2008 faz pesquisas no Pretos Novos, é difícil estimar quantas pessoas foram enterradas naquele terreno que tinha o tamanho de um campo de futebol. O que restou de um livro de anotações da época mostra que, somente entre 1824 e 1830, aconteceram 6.122 sepultamentos de escravos, de acordo com registros do Arquivo Geral da Cidade do Rio. Não havia lápides, e os corpos eram colocados em covas coletivas. RELÍQUIAS HISTÓRICAS Para a historiadora Martha Abreu, além do cemitério, que ajudou a desenterrar a história da Pequena África na década de 1990, a região do Porto tem pelo menos outros 17 endereços que merecem ser visitados. Uma relíquia histórica obrigatória para saber mais sobre esse período é o Cais do Valongo, candidato a Patrimônio da Humanidade. Outro, diz ela, é o Jardim Suspenso do Valongo.

— Além da beleza do jardim, temos ali uma casa do início do século XIX, considerada a única casa de venda de africanos não demolida pelas obras de Pereira Passos. Sem contar que a vista lá de cima é incrível: dá para ver os morros do Livramento e da Providência e o relógio da Central do Brasil — comenta Martha, uma das autoras do projeto "Passados presentes: memória da escravidão no Brasil", que traça um roteiro histórico no estado sobre esse período (<http://passadospresentes.com.br>).

Na região da Pequena África, o "Passados Presentes" sugere um percurso de cerca de três horas, a partir do Museu de Arte do Rio (MAR), seguindo pelo Largo da Prainha e por ruas da Saúde e da Gamboa. A lista inclui a Pedra do Sal, a Praça dos Estivadores e o prédio da Docas Dom Pedro II, hoje sede da Ação da Cidadania, feito por André Rebouças, um engenheiro negro que proibiu uso de mão de obra escrava nas construções.

— Vale visitar também a Associação Chora Macumba, entidade carnavalesca que funcionou na Rua Barão de São Félix no início do século XX, e o Mercado de Escravos da Prainha, no atual Largo de São Francisco da Prainha — indica Martha Abreu.

Impresso e distribuído por NewspaperDirect | www.newspaperdirect.com, EUA/Can: 1.877.980.4040, Intern: 800.6364.6364 | Copyright protegido pelas leis vigentes.

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)